

Caligramas coloridos: a poesia limítrofe de Sergio Medeiros

Caligramas coloridos: la poesía límite de Sergio Medeiros

Sirley da Silva Rojas Oliveira¹

Angela Guida²

Resumo

O poeta Sergio Medeiros é de Bela Vista Mato Grosso do sul, fronteira entre Brasil e Paraguai e traz em suas obras muito sobre a cultura ameríndia, além da defesa de que folhas, pedras, árvores, os elementos constitutivos da natureza possuem alma como os homens, visão essa que também se alinha às teorias de Eduardo Viveiro de Castro. Outro ponto que chama muita atenção na obra de Medeiros é a poesia visual inovadora que o poeta produz, com mais desenhos e cores do que a poesia visual dos poetas concretistas brasileiros, fazendo com que sua poética assumira também um lugar fronteiriço no sentido da forma: imagem-palavra; palavra-imagem. Logo Sergio Medeiros é um poeta que explora mais sentidos visuais e menos linguagem em seus caligramas rompendo com as fronteiras da poesia experimental tradicional.

Palavras-Chave: Poesia – visual; Perspectivismo Ameríndio; Sergio Medeiros; Fronteira.

Resumen

El poeta Sergio Medeiros es de Bela Vista Mato Grosso do Sul, frontera entre Brasil y Paraguay y aporta en sus obras mucho sobre la cultura amerindia, además de la defensa que hojas, piedras, árboles, los elementos constitutivos de la naturaleza tienen almas como hombres, mirada que también se alinea con las teorías de Eduardo Viveiro de Castro. Otro punto que llama mucho la atención en la obra de Medeiros es la innovadora poesía visual que produce el poeta, con más dibujos y colores que la poesía visual de los poetas concretistas brasileños, haciendo que su poética asuma también un lugar fronterizo en el sentido de la forma: imagen-palabra; palabra-imagen. Sergio Medeiros es un poeta que explora más significados visuales y menos lenguaje en sus caligramas, rompiendo los límites de la poesía experimental tradicional.

Palabras clave: Poesía - visual; Perspectiva amerindia; Sergio Medeiros; Frontera.

1. Introdução

Sergio Medeiros é natural de Bela Vista, Mato Grosso do Sul, mas atualmente reside em Santa Catarina, onde atua como docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Medeiros é tradutor, ensaísta e poeta. Em seus poemas traz muito da linguagem e mitologia ameríndia. Além de poemas carregados de descrições que levam o leitor a imaginar cenários, imagens e sons, o poeta cria também caligramas, nos quais utiliza menos escrita e mais imagens, cores e sons. Os personagens que mais aparecem em suas obras são folhas, galhos, rios, animais, enfim elementos constitutivos da natureza.

¹ Docente do IFMS e Doutoranda em Estudos de Linguagens pela UFMS.

² Docente literatura e teoria da UFMS e Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela UFRJ.

É muito perceptível nos poemas de Medeiros a defesa da presença de espírito, geralmente relacionados apenas ao homem, em todos os seres, sejam folhas, árvores, pedra. Logo, todas as entidades não humanas possuem alma, tudo tem linguagem, tudo desenha, tudo dança, tudo fala. Isso vai de encontro ao perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiro de Castro, que também defende a igualdade entre o homem e os demais seres. Enquanto a antropofagia Oswaldiana defendia a devoração crítica como forma de explicar nossa literatura em relação à universal, o perspectivismo ameríndio de Viveiro de Castro traz à tona a defesa de que todos somos iguais, independente se animais ou humanos “tudo é humano, embora cada espécie não o seja do mesmo modo” (CASTRO *apud* CARVALHO, 2010, p. 84). Logo a natureza, os animais, as folhas, as árvores e todos podem se comunicar, comunicação essa bastante presente nos poemas de Sérgio Medeiros.

A aproximação de Medeiros com a cultura indígena, a qual é nitidamente inspiração para suas produções, começou nos anos 80, quando o poeta ouviu falar pela primeira vez em Jerônimo Tsawé. Medeiros era estudante das Faculdades Unidas Católicas, em Campo Grande Mato Grosso do Sul, quando ouviu dos padres salesianos, autores da Enciclopédia Bororo, a história do índio xavante de 100 anos que era considerado profeta em sua aldeia. E por causa dos padres Medeiros conheceu as narrativas de Jerônimo Tsawé em dois volumes: Jerônimo Conta e Jerônimo Sonha, publicadas pelos salesianos em 1975. Já na pós-graduação, Sergio Medeiros começou a viajar até a aldeia onde Jerônimo morava em Mato Grosso para estudar sobre as narrativas Xavantes. Foi em meio a suas pesquisas que certa vez Medeiros recebeu uma folha de Jerônimo Tsawé com grafismos, os quais o indígena dizia ser sua assinatura. Esta folha se tornou a capa de um dos livros de Sergio Medeiros, *Figurantes*, e além disso, a assinatura de Jeônimo Tsawé virou inspiração para vários poemas.

2. Reflexões Teóricas

Com uma poesia visual que utiliza mais imagens e cores, Medeiros criou uma obra que se distingue das poesias experimentais visuais criadas por Apollinaire, as quais não utilizam apenas sintagmas e vocábulos apresentados em versos, mas desenhos e manchas traçados pelos próprios caracteres utilizados em sua composição.

Apollinaire buscou uma nova linguagem em seus *Calligrammes*, segundo Hugo Friedrich em sua *Estruturas da Lírica Moderna*, uma linguagem brutalizada, dissonante e, em seguida, por outro lado, uma linguagem divina: “Consoantes sem vogais, consoantes que soem apagadas, sons como um pão, como o estalar da língua, como o ruído de uma expectoração” (FRIEDRICH, 1978, p.151). Seguindo as novas ideias a poesia experimental abriu espaço para outras culturas, como explica Carlos Reis: “... a poesia experimental dos nossos dias se abre a diversas influências culturais, cruzando-se ainda com outras linguagens e materiais artísticos: as escritas ideográficas, a pintura, a publicidade, a televisão, etc.” (REIS, 1999, p. 334).

Essa poesia foi feita no Brasil, inicialmente pelos concretistas, movimento que começou em 1956 no Museu de Arte Moderna de São Paulo, quando ocorreu a primeira exposição mundial de poesia concreta, do evento participaram somente poetas brasileiros e pintores. No entanto, já em 1955, Décio Pignatari havia se encontrado com Eugen Gomringer e, desse encontro, por acaso, chegou-se à descoberta de que havia muitos pontos em comum. Os principais representantes desse movimento foram Décio Pignatari, Augusto de Campos e Haroldo de Campos, esse que chega a afirmar que a poesia concreta é o momento de sincronia absoluta da poesia brasileira. Os concretistas criaram poesias visuais que usavam a linguagem e a partir dessa criavam imagens.

O poeta Sérgio Medeiros menciona tanto em seus blogs, quanto em seus livros que tanto os simbolistas franceses Mallarmé e Apollinaire, quanto os concretistas brasileiros Augusto e Haroldo de Campos são fundamentais em seus poemas. Já na aba do livro *Os Caminhos e o Rio* o poeta cita Apollinaire como um personagem fundamental de seu livro “(...) Apollinaire, um típico francês imaginário nascido em Roma com outro nome, sonhava colorir os seus famosos caligramas; aqui, todos ou quase todos os caligramas estão doudamente coloridos.” (MEDEIROS, 2019). Já no livro *N Descritos* (que aparece para leitura gratuita em seu novo blog <https://medeirossergio.blogspot.com/>), o poeta faz uma homenagem ao concretista Haroldo de Campos, no Prólogo do livro há o seguinte: “Ao chegar aos 60 anos de idade em 2019, resolvi não fazer uma antologia de minha poesia, mas sim homenagear o mestre com quem aprendi tanta coisa Haroldo de Campos.” (MEDEIROS, 2020, p. 02).

No entanto os poemas visuais de Sérgio Medeiros são diferentes dos poemas dos simbolistas franceses e concretistas brasileiros, já que o poeta utiliza mais imagens e mais cores em seus poemas.

3. Metodologia: rompendo fronteiras: A Memória das folhas, um Caligrama colorido

Um exemplo dos caligramas coloridos de Medeiros é o poema visual *A Memória das folhas*, presente no blog *Toten* de Sérgio Medeiros. O poema é composto por duas imagens ancoradas pelo título e em ambas há no centro a figura de uma folha em pé, onde no lugar da nervura central e da nervura secundária há uma forma que remete a figura de um ser - humano, à margem desta folha central e maior temos mais três folhas. Enquanto a folha ao centro possui cores: azul, vermelho, marrom, as folhas à margem possuem uma cor só.



(MEDEIROS, Sergio, 2019. Disponível em: <https://medeirossergio.wordpress.com/page/2>)

A figura ao centro, representação de um humano como nervura central e secundária da folha leva a vida para o elemento cercante, a linha que delinea a folha. Desta forma, o elemento cercado torna o cercante animado. Isso aliado ao cromatismo presente no espaço que compõe a lâmina foliar, a qual leva as cores azul e branca que remetem à calma e a paz respectivamente, reforçam a ideia de alma, de espírito representado pelo elemento cercado, a figura do ser – humano. Característica do Perspectivismo ameríndio, de que todos os seres humanos ou não humanos são iguais. Nas duas imagens o elemento cercado, possui as mesmas cores da linha que delinea a folha, logo ele é constituinte da folha e leva a vida a esta, as cores que preenchem a lâmina foliar e começam com cores frias, azul e branco, terminam com cores quentes marrom

e vermelho, que são as bases das folhas centrais nas duas imagens que compõem o poema. Assim, Sérgio Medeiros além de trazer mais cor e imagem às poesias visuais também traz a percepção de que na natureza todos os seres são iguais e capazes de se comunicar, de dançar, de possuir memória como em *A Memória das folhas*.

4. Resultados

Com a análise do poema *A Memória das folhas* é perceptível como o poeta Sérgio Medeiros cria uma poesia visual que inova em relação à poesia experimental tradicional, já que Medeiros vai além do que foram os poetas simbolistas franceses e os concretistas brasileiros acrescentando mais cor e imagens em seus poemas. Além disso, o poema *A Memória das folhas* carrega a característica do poeta de atribuir características humanas a elementos da natureza, mostrando que todos os seres são iguais o que vai de encontro ao perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiro de Castro.

5. Conclusão

Sérgio Medeiros é um poeta que vem da fronteira entre Brasil e Paraguai e sua obra além de mostrar a cultura indígena rompe as fronteiras com o que até agora foi posto como poesia experimental, o que faz com que sua poética assuma também um lugar fronteiriço no sentido da forma: imagem-palavra; palavra-imagem.

Referências

CAMPOS, Augusto de. *Viva Vaia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Luis Felipe dos Santos. *Na fronteira do outro – motins antropofágicos*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio. Rio de Janeiro 2010, p. 83-115.

REIS, Carlos. A poesia lírica. In: _____. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 1999.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

MEDEIROS, Sérgio. *N Descritos com rimas*. [Recurso eletrônico on-line]/Sérgio Medeiros 1.ed. – São Paulo: Iluminuras, 2020. Disponível em: <<https://medeirossergio.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MEDEIROS, Sérgio. *Toten*. Wordpress: 2019. Disponível em: <<https://medeirossergio.wordpress.com/page/2/>>. Acesso em: 24 jun. 2020.